



Mr. Faraday

É certamente um dos mais donosos espectáculos do mundo moral a historia d'esses homens, privilegiados pela Providencia, que tendo nascido na mais humilde condição e no meio da miseria, lograram, á força de talento, de applicação, e de ajustado procedimento, adquirir um nome illustre e respeitado, e conquistar uma consideração que sómente parecia reservada para o nascimento nobre e para a opulencia.

O exemplo de Bénéjamin Francklin é sobremaneira consolador para a humanidade, e a par d'elle arrebatam a alma os de outros grandes homens, que da baixa esphera onde nasceram, se elevaram até ás mais altas regiões.

N'este caso está Miguel Faraday, do qual apresentamos hoje o retrato, — Miguel Faraday, que a Inglaterra contava, ainda ha pouco, como uma das suas glorias nos dominios da sciencia, e do qual lastíma e pranteia a recente perda.

Miguel Faraday nasceu, no dia 22 de setembro de 1791, em Newington, perto de Londres. Seu pae, pobre ferreiro, que a muito custo e penosamente grangeava pelo seu officio os meios de subsistencia, mal pôde mandar seu filho a uma escola de ensino primario. Na idade de treze annos entrou como aprendiz na officina

de um encadernador; e foi ali que pôde revelar-se a inclinação que o desvalido mancebo tinha para os livros e para o estudo. Por vezes foram dar com elle a ler as obras que havia de encadernar, e n'esse entretenimento se deliciava, como se fosse o mais divertido passatempo dos folgados dias da mocidade. Mas não foi esse o unico revelador da sua paixão pelo estudo. Desde que lhe foi possível effectuar algumas economias do seu modico salario, cuidou em comprar algumas obras scientificas, que sobremancira lhe captivavam a attenção, e offereciam o mais saboroso alimento para o espirito.

Dotado d'aquella admiravel disposição que têm os inglezes para dar ao estudo uma applicação pratica, não se contentou o moço Faraday com a leitura dos livros de sciencias, mas cuidou logo de proceder á feitura de experiencias, e construcção de instrumentos proprios para ellas. Não tardou que a humilde morada do mancebo se convertesse em uma bibliotheca e laboratorio — nas limitadas proporções dos seus escassos recursos pecuniarios.

Quiz a boa fortuna de Faraday que um freguez do encadernador, seu patrão, fosse um homem de sciencia, e notasse as disposições extra-

ordinarias que o mancebo mostrava. Chamava-se M. Dance o homem da sciencia, e era um dos membros da Sociedade Real de Londres. Teve M. Dance a feliz inspiração de levar o mancebo a ouvir as lições do celebre chimico sir Humphry Davy, que então professava brilhantemente um curso de chimica em Albermale-Street. Faraday ficou repassado de enthusiasmo, ao ouvir o distincto professor, e ao assistir ás experiencias a que este procedia; e desde logo se decidiu a frequentar a encantada escola, tanto de seu peito. Por fim tomou a resolução de abandonar o officio de encadernador, e de cultivar a sciencia. Nesta conformidade, affouta-se a escrever a sir Humphry Davis, dando-lhe conta do seu projecto, e pedindo-lhe a sua valiosa coadjuvação. Para mais atrair a benevolencia do douto professor, envia-lhe um volumoso caderno de apontamentos das doutrinas que lhe ouvira professar. Davy descobre n'esses apontamentos uma prova de grande força de memoria e de attenção; marca-lhe um prazo para se lhe apresentar (janeiro de 1812); e logo no mez de março de 1813 é Faraday nomeado Ajudante-Preparador na Instituição Real. Em 1825 logrou Faraday a distincta honra da nomeação para membro da Sociedade Real de Londres!

— Devêramos agora particularisar as lições que Faraday professou, as suas experiencias, os seus descobrimentos, os seus escriptos; mas falta-nos a competencia para entrar n'estes desenvolvimentos.

É força que nos limitemos a aproveitar o concituoso epilogo de uma sabia noticia, que a respeito de Faraday escreveu no mez de outubro do anno passado M. R. Radau, pouco depois do fallecimento do mesmo Faraday (18 de agosto de 1867, com 76 annos de idade.) Por esse epilogo conhecerão os leitores o alto merecimento, e os relevantes serviços scientificos do humilde filho de um ferreiro, do aprendiz de encadernador, que inscreveu um nome glorioso nos fastos da sciencia, e foi grande, sem lhe ser necessario adornar-se com o titulo de *baronnet*, que recusou accitar.

Eis aqui o indicado epilogo:

— Bem empregada foi a sua vida. A metade dos descobrimentos que lançou como semente fecunda no campo do progresso bastariam para immortalisar o nome de um homem. Descobrin-do as leis da indução electrica, quasi que nos deu uma força nova, cujas applicações se multiplicaram em todos os sentidos. As machinas de indução e as machinas magneto-electricas, que nos espantam pelas rapidas transformações, encontram-se em germen nos seus trabalhos. A iluminação electrica, a exploração das pedreiras, a perfuração dos tunneis, a *deflagração* (inflamação scintillante) das minas, a grande carga, são facilitados, n'uma proporção inesperada, pelo emprego dos fusos de indução. A phisica recebe das investigações de Faraday as suas mais bellas experiencias. A arte de curar deve-lhe apparelhos, cujos effeitos maravilhosos hão restituído a saude a milhares de doentes: chama-se *faradaison* o processo que produz estes resultados. Vê-se que as pisadas de Faraday ficam assignaladas nos processos recentes de quasi todos os ramos da sciencia e da industria. etc. =

— Tal é o homem de quem apresentamos hoje o muito estimavel retrato. Tal é o homem, que, honrando um grande paiz e a humanidade, deve ser inculcado para imitação de todos quantos sentem disposições felizes para as sciencias, — e offerecido como exemplo e incentivo dos talentos desfavorecidos da fortuna.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

O PRINCIPE EUGENIO DE BEAUHARNAIS

e as Memorias que lhe são relativas.

.... *ab auditione mala non timebit.*

Ps. CXI 7.

A Historia regista nas suas páginas os nomes de alguns homens memoráveis, que mereceram aos próprios contemporaneos o conceito de varões puros e sem mancha, e legaram depois á posteridade *sympáthicas* recordações.

Nas fileiras d'esses venturosos personagens figura incontestavelmente o Principe Eugenio de Beauharnais, filho adoptivo de Napoleão I, Vice-Rei da Italia, espôso da Princeza Augusta de Baviera, e Duque de Leuchtenberg.

É deste Principe, que pretendemos apresentar aos leitores algumas noticias biographico-historicas, tomando como guia a volumosa e muito notavel colleção, que em Paris foi publicada nos annos de 1858 a 1860 com o seguinte titulo:

= *Mémoires et correspondance politique et militaire du Prince Eugène, publiés, annotés et mis en ordre par A. Du Casse, auteur des Mémoires du Roi Joseph.* =

-- Escrevemos a respeito do principe Eugenio com a mesma isenção, com que fallariamos de um varão da antiguidade; nem os vinculos que prendem a memoria do illustre filho da Imperatriz Josephina com uma Alta Personagem, que entre nós existe, poderiam influir para que nos arredassemos das inspirações da verdade.

Ainda não se tinha verificado o feliz enlace de uma virtuosa e excelsa Filha do Principe Eugenio com um Principe illustre da Casa de Bragança, e já o humilde escriptor d'estas linhas consagrava ao Vice Rei da Italia a mais sentida e enthusiaslica admiração.

Não nasceu agora a *sympathia*; acordou mais viva, e mais segura, em presença de uma série de documentos authenticos, que de todo ponto confirmam convicções antigas.

Não vimos pois adular ninguem. Acima dos Grandes da terra está a verdade; e debalde se ergueria uma voz subserviente, se o desengano de testemunhos irrecusaveis podésse fazê-la emudecer.

Em todo o caso, quando a occasião se offerecer, havemos de provar que temos bem presente o — *sed magis amica veritas.*

I

O Principe Eugénio lembrou-se de escrever as suas *Memórias*; mas, desgraçadamente, occorreu-lhe esta lembrança muito tarde, em 1822, já quasi no fim da sua gloriosa vida. Dictou ainda as primeiras páginas, começando as noticias pelo anno de 1781, e acabando em 1805, quando se constituiu o Reino da Italia.

É bem facil de vêr que o período mais notavel da vida do grande homem não chegou a ser dictado por elle; no que muito perdeu a posteri-

dade, pois que as páginas que ainda traçara revelam que as restantes seriam singélas, repassadas do amor da verdade, e summamente instructivas e valiosas.

Seguiremos nesta primeira parte do nosso humilde trabalho esse interessante e precioso documento; e d'elle colheremos as notícias que nos parecerem mais curiosas, ou seja com relação ao próprio Principe, ou seja com relação aos acontecimentos geráes, políticos ou militares.

—O Principe Eugénio de Beauharnais nasceu em Paris no dia 3 de Setembro do anno de 1781. Foram seus páes o Visconde Alexandre de Beauharnais, e Josephina Tascher de la Pagerie que havia nascido na Martinica.

O Visconde de Beauharnais estava presidindo á *Assemblée Constituante* no dia em que Luiz 16.^o deixou Paris e pretendia abandonar a França. Esta circumstancia atrahio a attenção publica sobre a Familia Beauharnais, que então residia em Fontainebleau. O Visconde foi naquella crise o primeiro personagem da França, na ausencia de um governo constituido; e Eugénio recorda-se de que, nas ruas de Fontainebleau, apontavam para elle, como filho do Presidente, e diziam: *Alli vai o Delphin* (1).

O Visconde de Beauharnais foi primeiramente empregado no exercito do Norte; passou depois para o do Rheno, e o commandava quando Custine se retirou. Aproveitou esta circumstancia para chamar para o pé de si o seu joven filho, e o fez entrar no Collégio em Strasburgo. Naquelle ponto da França, e naquella época era tudo amor da glória, amor da pátria; e foi então que, pela primeira vez, tomáram posse da alma de Eugénio as impressões de tão nobres sentimentos.

Na funesta época do *Terror* foi o Visconde de Beauharnais prêso, e depois suppliciado, como o foram tantos homens illustres, que amavam sim a liberdade, mas detestavam os excessos e os crimes da demagogia desenfreada e furiosa.

M.^{me} de Beauharnais, que tambem fôra prêsa com seu illustre marido, foi, passado algum tempo, restituida á liberdade, graças aos bons officios do Deputado Tallien, ao qual o Principe Eugénio testemunha um profundo reconhecimento, declarando que tivêra a fortuna de lhe dar constantes e inequívocas provas desse reconhecimento.

Em virtude de uma resolução governativa, eram os filhos dos nobres obrigados a aprender um officio mecânico. Nesta conformidade, entrou Eugénio, como aprendiz, na officina de um marceneiro, e sua irmã na casa de uma costureira. Não tardou, porém, em passar para a companhia do General Hoche, a quem seu Pai o deixára recommendado. A's ordens pois deste distincto e tão illustre General fez Eugénio o seu primeiro tirocinio militar: o mestre era sévêro, a escola rude; mas por isso mesmo a lição veio a ser mais proveitosa.

É admiravel a simplicidade ingénua, com que o Principe refêre o facto singular, e grandemente notavel, que tão poderosa influencia teve no seu futuro destino! Ouçamo-lo:

—«Algum tempo antes do acontecimento de

(1) *Voilà le Dauphin*. — Os leitores sabem que era este o nome que se dava ao herdeiro presumptivo do throno de França.

Quiberon, mandou-me o General Hoche ter com minha Mãi, que havia mostrado desejos de me vêr. No anno seguinte occorreu um successo, que teve a maior influencia no meu destino. Pensára minha Mãi em casar, em segundas núpcias, com o General Bonaparte, que então commandava em Paris, e que mais tarde havia de encher tão gloriosas páginas da História. Não tinha ainda Bonaparte adquirido a reputação que pouco depois grangeou, e que lhe deu o titulo de — *Heróe da Itália*. — Fui eu próprio a occasião da sua primeira entrevista com minha Mãi. Como consequencia do 13 *Vendémiaire*, (1) foi publicada uma Ordem do dia, a qual, sob pena de morte, prohibia aos habitantes de Paris o conservarem armas. Não pude conformar-me com a idéia de separar-me da espada que meu Pai empunhára nas batalhas, e á qual tamanho lustre déra por meio de honrosos e brilhantes serviços. Concebi a esperanza de obter a permissão de conservar aquella espada, e neste sentido e para tal fim empreguei algumas diligencias perante o General Bonaparte. A entrevista que elle me concedeu foi tanto mais tocante e affectuosa, quanto acordou em mim a lembrança da perda que havia pouco tinha soffrido. A minha sensibilidade, e algumas respôstas felizes que dei ao General, excitáram-lhe o desejo de conhecer o intimo da minha familia; de sorte que veio elle próprio trazer-nos a authorisação, que eu sollicitára com tamanha vivacidade. Minha Mãi significou-lhe o seu agradecimento com bastante graça e sensibilidade; e elle pediu licença para voltar a vêr-nos, dando mostras de se comprazer cada vez mais nas relações com minha Mãi. (2) Devo dizer que, poucos mezes depois, começámos a desconfiar de que o General quizesse casar com a nossa mãi; e é certo que nem sequer o grande esplendor que depois circumdôu Napoleão me fez esquecer de todo do desgosto que tive de vêr minha Mãi decidida a formar novos laços; parecendo-me que um segundo casamento, fôsse elle qual fôsse, era uma profanação, uma offensa feita á memoria de meu Pai.

— «O General Bonaparte, já habituado á nossa casa, interessava-se por tudo o que alli succedia e não deixava de occupar-se, com particular cuidado, da educação de duas crianças, com a Mãi das quaes esperava casar em breve; no entanto, o conhecimento que havia da repugnancia que eu e minha irmã mostrávamos contra o novo casamento, servio de pretexto para nos afastarem, mandando-nos ambos para um collegio em Saint Germain.

«Em breve nos chegou a noticia do casamento de nossa Mãi, da nomeação de Bonaparte para o commando do exercito da Italia, e por fim, da partida de nossa Mãi em companhia do marido. Todas estas noticias me haveriam desagradado muito, se o General, ao partir para a Italia, não me tivesse deixado entrever a lisongeira espe-

(1) Os dias 12 e 13 de *Vendémiaire* do anno IV, correspondem aos de 4 e 5 de Outubro de 1795, nos quaes o exercito da Convenção, commandado por Barras e pelo general Bonaparte, alcançou victoria sobre as *secções* de Paris, que se tinham declarado em insurreicção.

(2) Vêja a narração mais desenvolvida deste episodio, no tomo 1.^o da nossa Obra — *Alguns fructos da leitura e da experiencia*, — pag. 301 e seguintes.

rança de me chamar para o pé de si, desde que eu, por meio de assiduo trabalho e aproveitamento, ressarcisse o tempo que as circumstancias me tinham feito perder.» —

No espaço de quinze mezes, em que Eugenio esteve cursando os estudos em Saint-Germain, applicou-se profundamente ás mathematicas, á historia, á geographia, e á lingua ingleza, trabalhando com o maior ardor, como quem aspirava a adquirir direito á recompensa que o General Bonaparte lhe promettera. No cabo daquelle tempo, e tendo quinze annos de idade, recebeu a patente de alféres do primeiro regimento de Hussards, e juntamente a ordem de partir para a Italia. Em chegando alli, nomeou-o o General Bonaparte seu ajudante de Campo, no intuito de o encaminhar nos primeiros passos da carreira militar, e de o ir iniciando nos segredos da difficil arte da guerra.

— No artigo immediato proseguiremos em substanciar as Memorias que o Principe Eugenio dictou.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

ASHAWERUS

A idade heroica do christianismo, que se dilata desde a morte de Christo até Constantino, é uma longa epopéa, um drama admiravel, em que a resignação christã e o amor puro e sacrosanto, que abraça toda a humanidade, combate e leva de vencida a pravidade feroz do gentilismo, o despotismo torpe e sanguinario dos Cesares, o egoismo implacavel e inflexivel, que é a mais proeminente e caracteristica feição da civilização antiga.

Aquella grande e fecunda idéa da fraternidade universal fundada na liberdade de cada um e na egualdade de todos perante Deus; aquelle novo codigo, germen da civilização moderna, nuncio e pregoeiro de uma era de progresso constante e indefinido, foram alavanca eversiva da estupenda corrupção, que lavrava por todo o mundo.

Morto o redemptor no Golgotha travou-se a lucta entre o passado e o futuro.

Os deuses homens vibravam os raios jovicos contra os discipulos do Homem-Deus.

Os christãos, que já enxameiavam desde a Galiléa até Roma, e se propagavam pela Asia, Africa e Europa, eram acimados a principio de uns mysticos inoffensivos e innocuos, que viviam da contemplação das visões celestes e despresavam as coisas terrenas.

Os philosophos arguciosos não comprehendiam ainda a excellencia e alteza da nova lei.

A luz porém ia irradiando, e os apóstolos erguiam-se na praça publica clamando contra a monstruosa civilização, que tinha por base a ignorancia e a escravidão, por vertice um despotismo insaciavel, um poder absoluto e sem limitação, por isso que Cesar era a um tempo a personificação da lei e o executor d'ella.

Os interesses feridos pelo verbo inspirado reagiram e determinaram essas perseguições sangrentas, que são o adito esplendido do christianismo, o qual, como todas as grandes verdades, careceu do baptismo de sangue para crescer e fortalecer.

Os santos martyres, que robustecidos pela fé,

conquistaram, a troco da vida e de mil tormentos e insultos, a eterna bemaventurança, são o pedestal em que se eleva a egreja, a esposa de Christo.

O historiador philosopho, que attentar nas circumstancias, que acompanharam o nascimento e crescimento do christianismo, verá que todas lhe foram favoraveis e que os povos estavam aptos para receberem o benefico influxo, o rocio creador da palavra divina.

Roma apresenta aos olhos da historia uma unidade poderosa e robusta.

Roma era a synthese do mundo, era a cabeça do vasto imperio, que cingia no seu immenso ambito quasi todas as nações conhecidas.

Roma regulava o universo.

A cidade dilatava por toda a parte a sua influencia, cuja base era a força na sua manifestação mais ampla e grandiosa.

Leis, habites, costumes, tradições e religião, tudo fôra obliterado e destruido pelas legiões.

A tyrannia de Cesar não conhecia limites.

O poder divino e humano, consubstanciado no imperante, semejava a escravidão por toda a parte.

Os proprios deuses curvavam-se submissos perante a vontade omnipotente do *imperator*.

O *Ave Cesar* estava na boca de todos e era a fórmula usual, a saudação quotidiana de todos os homens.

Os mesmos oraculos não ousavam descerrar os labios, e as sybillas muito havia que tinham emmudecido para sempre.

As virtudes republicanas e a tyrannia feroz dos senadores, que durante seculos haviam preparado a grandesa de Roma, não existiam já.

A vida era o goso material. Todos os systemas philosophicos tinham caido. O atheismo lavrava no corpo social como uma lepra immensa.

A tiara do pontifice, a toga do magistrado, a tunica do auguro encobriam o atheismo.

Antinous e Drusilla eram adorados.

O materialismo ignaro e cynico, que collocava Messalina no altar, como a representa mais perfeita da impudica deusa de Cythera, ia-se esphacelando a pouco e pouco.

A religião gentilica havia de acabar necessariamente logo que Roma chegasse ao apogeu de grandesa, porque este era o seu mote e o fim de todos os seus mythos.

O stoicismo apregoado por Seneca e Lucano, victimas da sua philosophia, era o poisar a cabeça no cepo, era o abjurar todos os direitos humanos.

O epicurismo com que se contentavam algumas almas grosseiras, só convinha aos opulentos, que nas orgias abriam muitas vezes arterias, para escaparem á sombria desconfiança do despota.

O homem, porém, ser pensante e racional, revolviam-se no leito da duvida e aguardava impaciente o instante, tantas vezes promettido pelos oraculos, do livramento.

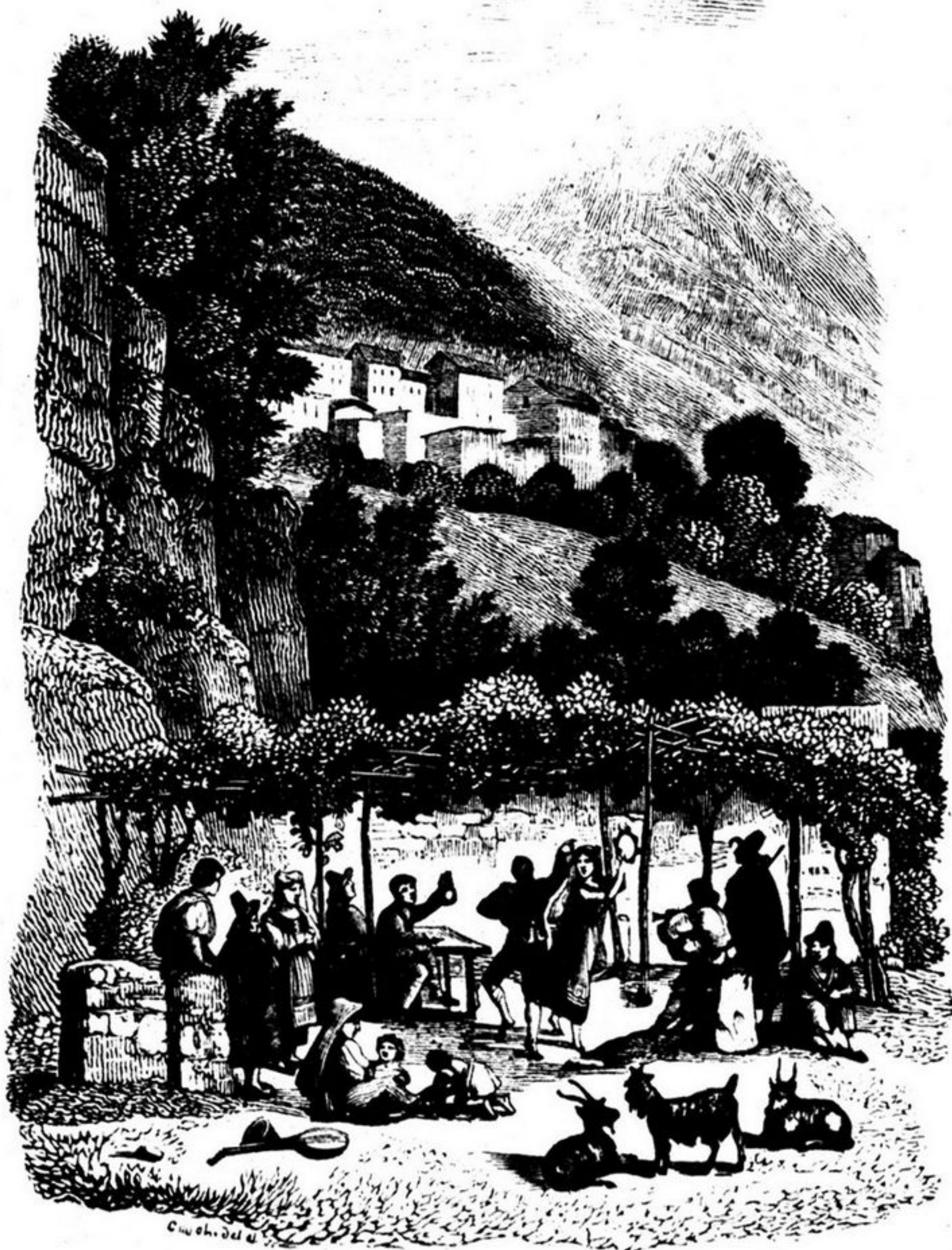
Foi então que o christianismo appareceu radiante de luz.

A inflexibilidade romana dobrou-se e accitou as tres virtudes christãs: fé, esperanza e caridade.

A mocidade, farta da tyrannia paterna e do despotismo imperial, lançou-se sedenta á fonte, d'onde manava a flux uma doutrina consoladora, que dava á vida um fim verdadeiramente grande.

(Continua)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.



Italia — caracter dos seus habitantes (1)

No momento em que o flagello do cholera desolou a bella península italiana, sabe-se que os funcionarios e os medicos desertaram do seu posto, que as pessoas abastadas fugiram, e que as populações e os governos se possuiram de uma especie de terror panico. Concluiu-se d'aqui que faltava a coragem n'aquelle paiz; depois, approximando este facto dos acontecimentos de 1821 e 1831, lança-se a pedra a uma população inteira, sem reflectir no passado, que tornou impossivel todo e qualquer desenvolvimento de espirito publico, de dedicacão politica. A Italia não perdeu nada d'essa força vital que lhe assegurou, por tres vezes, a dominação da maior parte do mundo, então conhecido, primeiro pela conquista dos romanos, depois pelo christianismo, pelas leis, as artes e as sciencias; é forçoso dizer que ficou na retaguarda, mas não caído. Não foi se-

guramente falta commettida pela nação. Procuramos explicar a razão porque o seu estado era n'aquelle tempo tão pouco em harmonia com as suas pretensões, direitos e necessidades.

Nenhum outro povo da Europa é menos conhecido que o povo italiano, apesar da Italia ser um paiz mui visitado pelos viajantes, e muitas vezes descripto pelos tourists. Mas a attenção dos estrangeiros prende-se mais e especialmente com as bellezas da natureza, com as recordações historicas, e com as maravilhas das artes, e não podem, senão difficilmente, aproximar-se da parte respeitavel da nação, e esta tem muitas razões para não ir collocar-se diante dos que tão mal a tem julgado. Ajunte-se a estas causas os costumes quotidianos, diversos dos usos do resto da Europa actual, costumes antigos, se o quizerem, mas sancionados por uma longa existencia; em seguida as differencas que separam o luxo d'outrora com o luxo dos nossos dias, depois a repugnancia bem natural para com as

(1) Este artigo, que acompanha a gravura, é reproducção d'um outro publicado ha annos em França.

nações que fallam outra lingua que não seja a do seu paiz; e comprehender-se-ha a razão porque, entre os viajantes, só os homens especiaes voltam ao seu paiz cheios de enthusiasmo pelas affinidades que têm encontrado em Italia.

É inutil querer reproduzir o quadro do estado social de Italia, senão se tomar por ponto de partida a coexistencia de um povo vencedor com povos vencidos; emfim, o que a Italia tem de commum com as outras nações romanas do meio dia da Europa, se não se observa o que é n'este paiz a consequencia da sua fórma peninsular e em parte insular, e da sua subdivisão em diferentes vertentes e bacias.

O povo italiano é formado pelo mixto dos godos, dos lombardos e de outras nações do norte com os antigos habitantes que, superiores, tanto em civilização social como em religião, impozeram a sua lingua, o seu culto, e o seu modo de ser aos vencedores. Na origem, portanto, eram simplesmente seus *rajas* ou subditos, assim como os gregos e os armenios o são ainda dos turcos, que só o islamismo tem impedido de se fundirem na massa.

D'esta especie de fusão proveio a impossibilidade d'uma superposição sem oppressão, tal como existe nos paizes puramente germanicos; d'ahi veio ainda uma tendencia contínua dos inferiores a incorporar-se nas classes superiores, um amor ainda mais apaixonado pela egualdade que pela liberdade, gostos aristocraticos a par de opiniões mais que democraticas.

D'ahi, em seguida, como consequencia necessaria, um odio geral de toda a superioridade; d'ahi esta persuasão do feitor que tem o direito de enganar o seu amo, que lhe parece o usurpador do solo; d'ahi esta pretensão toda universal de ser tratado com certos respeitoes, e sobretudo esta mania de viver como senhor logo que julgam poder fazel-o.

A aristocracia de Italia, por uma parte, está mais que na Allemanha, ligada pelos laços de sangue aos plebeos. Como em todos os paizes conquistados pela Allemanha, a nobreza ali não é senão *unilateral*, e sem cessar attráe a si pelos casamentos, os capitaes das classes inferiores. Tem, por isso, com maneiras democraticas, um orgulho occulto sob as fórmas as mais amaveis; não é cortezã como era a nobreza em França antes de 1789, e é com cuidado que ella se reserva uma parte nos acontecimentos do futuro. Póde dizer-se que a nobreza italiana aproveitou mais do que alguma outra as lições do tempo passado. Não despresava o commercio, e começava a occupar-se com vantagem da agricultura.

Esta egualdade, de feito, importou a desigualdade nas leis; esta nullidade politica custou antigas pretensões, produziu um resultado singular que se procuraria mutuamente, rindo todos uns dos outros. Cada um procurava o seu fim, não no seu circulo natural, mas fóra d'elle. Deu em resultado os germens da anarchia, que surgiram no momento propicio, e revoluções em lugar de reformas.

(Continúa)

A SCIENCIA DA LINGUAGEM (1)

A obra com que vamos occupar a attenção

(1) A proposito das — Leituras sobre a sciencia da lingua-

dos leitores compõe-se de duas partes publicadas com tres annos de intervallo. Os assumptos dos dois volumes são differentes e torna-se por isso difficil fallar d'elles em um só artigo. O seu valor scientifico tambem não é egual. O primeiro contém uma exposição da sciencia considerada na sua historia, no seu methodo e nos seus principaes resultados: o segundo, depois de procurar elucidar as condições physiologicas da palavra, apresenta algumas applicações, muitas vezes contestaveis, das leis demonstradas no primeiro tratado. É este, publicado em 1861, o que popularizou na Europa o nome de Max Muller.

Desde então tem sido reimpresso varias vezes (2) e tem-se traduzido em diversas linguas. É, portanto, um livro muito conhecido, e pedemos dizer que merece sel-o, não só em attenção ao profundo saber do seu auctor, mas tambem porque contém a primeira exposição systematica d'uma sciencia nova cujo futuro é incalculavel. Max Muller dividio o seu primeiro volume em nove lições, que tantas foram as sessões publicas que elle deu, ha cinco annos, na Instituição Real de Londres. É uma leitura por vezes difficil para as pessoas não habituadas ás especulações grammaticas ou philologicas, em consequencia da massa enorme de factos que ali se acham reunidos, e que tornam, além d'isso, necessario um conhecimento circumstanciado da geographia e da historia dos povos barbaros. Por vezes seria para desejar maior clareza na exposição, mais ligação no desenvolvimento das doutrinas, n'uma palavra, mais ordem na composição do livro e mais harmonia entre as suas partes; mas estas qualidades são demasiado e quasi exclusivamente francezas para que tenhamos direito de as exigir a um allemão e que demais escreve n'uma lingua que não é a sua e que professa para estrangeiros. A falta de clareza na forma tem o inconveniente de fazer parecer temerarias, mesmo aos olhos de pessoas competentes, muitas asserções, aliás baseadas em grande numero de factos e sobre uma applicação exacta do methodo.

Finalmente, se por outras obras nós não conhecessemos a audacia do espirito de Max Muller e a solidez do seu saber, parecer-nos-hia que havia em algumas partes do seu livro, principalmente na em que trata da origem da lingua-gem, signaes de timidez e de hesitação.

Creemos que estes defeitos, apontados por mais d'um leitor, não existem realmente, e que se as

gem — feitas no Real Instituto da Grã-Bretanha por Max Muller; 2 vol. in-8.º Londres 1861-1864.

Este artigo é devido á penna de Emilio Burnouf.

Ha d'elle muitos trabalhos importantes e entre outros nomearemos o Methodo para estudar a lingua sanscrita, o Dicionario classico sanscrito-francez, em collaboração com Leupol e o Ensaio sobre o Veda ou introdução ao conhecimento da India. Vê-se, pois, que é uma auctoridade nos assumptos de litteratura antiga e de philologia porque possui as bases, os elementos indispensaveis para se poder caminhar nas agruras da sciencia séria e construir ou defender uma theoria com fortes argumentos. Julgo prestar um serviço dando na sua integra escriptos como este, que reúne a uma clareza admiravel na exposição, um complexo de idéas uteis e hoje necessarias a todos os que estudam.

ZACHARIAS AÇA.

(2) A traducção franceza de Harris e Perrot (1864), que possuo, é feita da 1.ª edição ingleza. Ha uma traducção allemã de Leipzick, de 1863, e em 1864 preparava-se uma italiana.

conclusões do livro parecem incertas, é consequência disso de não serem nem bastante claros nem bastante solidos os principios metaphysicos e os conhecimentos psychologicos de Muller. A analyse das factos, em geral o methodo natural applicado ao estudo da linguagem, methodo que elle possui melhor do que ninguem na Europa, levou-o a um ponto além do qual já este guia não é sufficiente e onde só a philosophia se pôde pedir novas luzes. Teria sido mais prudente marcar os limites da sciencia da linguagem, e deixar o resto ás induções d'uma outra sciencia; mas o homem que, por exemplo, foi conduzido pelo estudo geral da chimica e da physica até á theoria dos equivalentes, não pôde facilmente parar em frente do ultimo problema, de cuja solução elle espera obter a chave de todos os outros. Quando uma analyse bem feita nos mostra que em uma dada época da humanidade se fallou por monosyllabos e que é d'estes elementos simples que saíram todas as nossas linguas, é difficil o não desejar saber d'onde vieram estes primeiros elementos e como o homem os inventou ou percebeu. Todavia, assim como a theoria da unidade das formas primordias da materia não se pôde estabelecer só pela observação e não é do dominio da physica, assim tambem a questão da origem da linguagem não pôde ser resolvida só pelos principios da grammatica comparada. Os problemas d'este genero pertencem á metaphysica.

É certo, porém, que para os resolver com segurança as sciencias de observação são um poderoso auxiliar porque os factos analysados scientificamente offerecem uma base solida a toda a argumentação. Após a physica experimental vem a physica mathematica, mas sem as experiencias a physica mathematica seria uma sciencia vã, uma construcção ligeira armada sobre um terreno movedico e que á menor aragem cairia por terra. Max Muller comprehendeu isto perfeitamente, e se o seu livro nos não dá a solução completa do grande problema, tem pelo menos o merecimento de lançar as bases sobre que se pôde appoiar essa solução. Vamos agora tentar resumir, sem seguirmos rigorosamente a ordem do auctor, os grandes factos scientificos contidos nas suas primeiras lições, e trazer bem á luz a sua importancia.

I

Não examinaremos se a historia da sciencia da linguagem, como Muller a apresenta é muito exacta e completa: basta-nos que seja veridica e imparcial. Esta sciencia não data de hontem, como geralmente se diz, antes pelo contrario, é uma das mais antigas sciencias de observação e não é mais moderna do que o estudo dos phenomenos naturaes e as primeiras tentativas de analyse chimica; teve, porém, a mesma sorte de outras sciencias da mesma natureza, particularmente a chimica: proeou por muito tempo os seus instrumentos de analyse e o methodo a empregar, a direcção a seguir, mas encontrou-os e desde esse dia caminhou com uma rapidez extraordinaria. Costumamos datar a chimica de Lavoisier, isto é, do tempo da revolução franceza, porque é n'esta época que, consciente da segurança do seu methodo, ella se achou possuidora da balança por meio da qual deu ás suas

analyses uma precisão até então desconhecida. Foi n'esse tempo tambem que o estudo da linguagem entrou no seu periodo scientifico porque obteve da India pela conquista o instrumento de analyse que lhe faltára até então: o sanscrito foi para os philologos o que a balança foi para os chimicos.

Hoje podemos dizer que estas duas sciencias se acham no mesmo gráo de adiantamento e creio que a certos respeito a philologia está mais avançada do que a chimica, achando-se mais proxima da resolução dos seus problemas fundamentaes, e de passar assim ao estado de sciencia deductiva a que desde muito chegou a astronomia; porém, uma sciencia não nasce subitamente sem preparação e sem causa; como todos os phenomenos naturaes tem uma elaboração demorada e trabalhosa, em que tomaram parte durante seculos gerações successivas de sabios.

Os preliminares d'esta questão scientifica, a cujo desenlace nós assistimos, passaram-se em dois pontos principaes do globo, na Grecia e na India. Quando começou o estudo analytico da linguagem na Grecia? Ignoro-o, e creio que não se poderá saber; porque, se o primeiro grammatico conhecido pertence ao periodo alexandrino, por outro lado Aristoteles e até mesmo Platão tinham já conhecimentos grammaticos tão adiantados que é difficil acreditar que elles fossem os seus primeiros descobridores. Além d'isso se a grammatica, isto é, o estudo pratico d'uma lingua, é a introdução, o primeiro passo para a sciencia da linguagem, é tambem certo que ella não apparece de repente no meio d'um povo. Pôde-se pensar que ella se apresente logo que exista uma litteratura classica e uma lingua que se quer fixar; é o que aconteceu desde o tempo de Eschylo, como o attesta Aristophanes. O ensino dos pedagogos tinha, com certeza, desde essa época uma feição grammatical, assim como a dos sophistas e rethoricos era litteraria.

No seculo seguinte, Platão formulava os grandes problemas da linguagem quasi nos mesmos termos com que nós os expomos hoje, e não podendo fundar-se nos inumeros factos que conhecemos agora, propunha, por uma especie de intuição do genio as mesmas soluções que a sciencia apresenta nos nossos dias. Não podemos citar aqui as suas palavras, mas o leitor pôde consultar o seu dialogo intitulado *Cratyllo*.

(Continua)

OS ANOS DA MINHA AVÓ

(Continuado de pag. 228)

XIV

Desenlace

«MEU AMICO. — Escrevo-te com lagrimas e escrevo-te pela derradeira vez! A historia da minha vida encerra hoje o seu ultimo capitulo; e de hoje em diante a minha existencia não será mais do que a monotona successão de dias, sem ambições, sem esperanças, sem desejos nem receios sequer da aproximação da morte.

«Tudo se acabou!

«Foi hontem o dia dos annos de minha avó! Devia ser assim! Este drama de sentimento devia percorrer pontualmente o cyclo de trezentos

sessenta cinco dias; e findar exactamente no dia fatidico em que começára.

«As minhas relações com Clementina, depois do encontro na quinta de Bemfica, reduziram-se apenas quasi á correspondencia epistolar, franca e assidua, que a ausencia do marido auctorizava.

«Cem vezes lhe havia significado, em phrase vehemente e energica, com todo o colorido da paixão e com todo o fervor do delirio, o desenlace unico, que eu julgava possivel a um tão violento amor.

«A cadeia, que a prendia a outro homem, era bastante fraca para que pudesse ser obstaculo á nossa ventura; mas a lucta com as conveniencias sociaes, que o egoismo do meu affecto não deixava respeitar, haviam cem vezes tambem feito hesitar aquelle espirito irresoluto, fraco, vacillante.

«Quizera entregar-se-me nos tranportes mais fervidos da paixão, mas sem affrontar o stygma do mundo, inexoravel para os francos rompimentos do enlace matrimonial!

«A lucta estava travada até aos derradeiros reductos. Ou a tenacidade de Clementina havia de succumbir no extremo assalto, ou aquelle estado de cousas não podia continuar a existir entre nós. Eu era inexoravel, e não tergiversava dos meus principios, nem transigia com a mentira infame, que o mundo applaude sob o pretexto de conveniencias sociaes.

«A noute do anniversario de minha avó reunimos em casa d'ella. Casualmente fôra mais numerosa a reunião n'esse dia, o que lhe tirára aquelle character de patriarchal familiaridade, aquelle tom de fossilismo encrustado na actualidade, que no anno anterior tanto me influira no espirito.

«Abençoei aquella circumstancia, que nos dava alguma liberdade mais, pois que a maior parte dos convivas, incluindo a dona da casa, estavam presos a differentes mezas de voltarete, de wisth ou de casino.

Servira-se o chá, cedo como de costume; os parceiros embrenhavam-se com redobrado fervor nos attractivos do jogo, quando, retirados os servos para os aposentos interiores, nos encontramos, Clementina e eu, a sós, na casa de jantar.

«Contemplámo-nos immoveis, silenciosos, fascinados, por alguns minutos, até que eu, rompendo o encanto d'aquella scena de eloquente mudez, tomei Clementina pela mão e conduzi-a a um divan, no angulo menos illuminado d'aquelle recinto.

«Clementina obedeceu aos meus movimentos com a impassibilidade do automato e sentou-se ao pé de mim.

— «Clementina, disse eu, como e quando ha de ter fim este martyrio, que nos consome aos dois no mesmo fogo?

— «Breve! muito breve, respondeu ella balbuciando. O homem a que tão imprudentemente liguei a minha vontade insta por que, em comecos de primavera, vá acompanhá-lo na sua casa da provincia, para restaurar a minha saude deteriorada! Ah! Ernesto, porque se nos não desvendou este mysterio, que por tanto tempo andou envolto na nossa existencia, alguns annos antes, quando eu te podia entregar a liberdade que desperdicei sem consultar o coração!? Mulher ou amante seria tua. Innocente ou culpada só de

ti queria a sentença e a ella só me curvára. Mas agora! Que queres?...

Era tão suavemente languida e triste a melopeia d'aquellas fallas, tão repassada de sentimento nas derradeiras notas, que, como o cantico da sereia, me acalentou o espirito e por um pouco me adormeceu a exaltação da febre que me devorava alli.

«Permaneci calado, instantes, cingindo com o braço aquella flexivel cintura, que vergava do-cil ao capricho com que a attraía para mim, beijando com transporte aquellas ondeadas madeixas que me afagavam a face incendiada por tão doce contacto.

— «Assim, é nosso destino quebrarmos sempre esta cadeia de flores que o sentimento lançou entre os nossos corações?

— «Que queres, Ernesto? que posso eu fazer?

— «Ousas ainda perguntar-m'o, mulher timida no amor, irresoluta no sentimento? Colloca-te o acaso n'um dilemma e hesitas ainda? Mentira! não hesitas, accitas sem hesitação o partido que se te offerece mais commodo, mais rotineiro, mais sereno; embora com essa resolução mates um sentimento, que dizes ser immenso! Chama-te o amor aos meus braços, chamam-te as conveniencias aos braços de outrem. Não ha meio termo; é mister escolher. Preferes romper com o amor? queres antes quebrar este tão vehemente affecto que nos une, do que romper para sempre com um enlace que o amor não sancionou, e que é uma mentira irrisoria, que a sociedade acata como acata todas as mascaras que encobrem uma pustula da hypocrisia?

— «Ernesto! Ernesto! poupa-me a vergonha! exclamou ella supplicante; e, escondendo no meu seio a fronte encandecida, proseguiu: Entrego-me sem resistencia nos teus braços, que mais exiges de mim? que fuja ao tecto conjugal, que deixe alli, com a minha ausencia, um indelevel labeu? Oh! não, poupa-me essa vergonha.

-- «Vergonha! bradei eu com exaltação, vergonha é a mentira e a doblez; vergonha é a traição que se esconde entre caricias, que fere fazendo afagos. Rompes um laço convencional, não quebras uma affeição; não tens filhos que deixes orphãos do teu affecto, nem deixas viuvo teu marido de um amor que nunca lhe consagraste, nem elle te dedicou jámais. Reunidos pela brisa do acaso, separa os o sopro de um sentimento mais forte; este arranque não deixa ulcera no coração... Vem! E depois, continuei eu com tom mais doce e insinuante, não é este amor todo o enlevo da nossa vida, toda a atmospheria que nos alenta aos dois a existencia? quebral-o, não será para ambos a asphyxia e a morte? Queres morrer, queres que eu morra, quando tão risonhos dias nos promette a vida? Olha, passaremos o primeiro quarto da nossa eterna lua de mel na poetica Hespanha; partiremos amanhã de madrugada, e lá ao longe esqueceremos e esquecer-nos-ão! O frémito das censuras do mundo não chegará aos nossos ouvidos, e só em torno de nós escutaremos os canticos da alegria e da felicidade! Vem! proteje-nos a noite; ninguem deu pela nossa falta, ninguem presentirá a nossa saída! Vem!

(Continua)

C. B.